

A colonização do MS e disputas de poder: uma análise historiográfica da crônica “Marchas das carretas” presente na obra *Camalotes e guavirais*, de Ulisses Serra¹

La colonización de MS y disputa de poder: un análisis historiográfico de la crónica “Marchas das carretas” presente en la obra CAMALOTES E GUAVIRAIS, de Ulisses Serra

Colonization of MS and disputes of power: a historiographic analysis of the chronicle “Marcha das carretas” in the work of CAMALOTES E GUAVIRAIS, by Ulisses Serra

Mariza de Souza Covary²

Resumo

Este artigo apresenta-se como perspectiva de reconhecimento e representatividade nos lugares relacionados a memória social e cultural da história de um país a partir da historiografia literária. Diante da importância de explorar mais a fundo tal temática, fez-se necessário investigar o segmento da memória na guerra ou pós-guerra, a Tríplice Aliança (1864-1870) e em conflitos territoriais frente ao processo separatista e divisão do Mato Grosso na crônica *A Marcha da Carretas*. A Literatura, Sociedade e Memória Cultural têm como foco tematizar e problematizar a memória e suas formas de representação na sociedade. Acredita-se que é possível promover com a proposta apresentada formas diferentes de enfrentamento e aproximar o espaço visitado e reconstruí-lo, repensá-lo extraindo elementos da realidade que foram palcos de batalha no passado para interagir com o futuro, preservando símbolos que fundamentam e se referem à dimensão da produção social da diferença, ou às características da atividade humana.

Palavras-chave: Tríplice Aliança, Sociedade e Memória Cultural, Historiografia, Divisão do Mato Grosso.

Resumen

Este artículo se presenta como una perspectiva de reconocimiento y representatividad en lugares relacionados con la memoria social y cultural de la historia de un país desde la historiografía literaria. Dada la importancia de profundizar en esta temática, se hizo necesario investigar el segmento de la memoria en la guerra o posguerra, la Triple Alianza (1864-1870) y en los conflictos territoriales frente al proceso separatista y división de Mato Grosso en la crónica *A Marcha de Carretas*. Literatura, Sociedad y Memoria Cultural se enfocan en tematizar y problematizar la memoria y sus formas de representación en la sociedad. Se cree que es posible promover, con la propuesta presentada, diferentes formas de afrontar y acercarse al espacio visitado y reconstruirlo, repensarlo extrayendo elementos de la realidad que fueron escenarios de batalla en el pasado para interactuar con el futuro,

¹ Artigo apresentado no Latinidades – Fórum Latino-Americano de Estudos Fronteiriços, na modalidade online, 2020.

² Graduada em Licenciatura e Bacharelado em Letras Português, com Respektivas Literaturas pela UNIR.

conservando símbolos que lo sustentan. se refieren a la dimensión de la producción social de la diferencia, o a las características de la actividad humana.

Palabras clave: Triple Alianza, Sociedad y Memoria Cultural, Historiografía, División de Mato Grosso.

Abstract

This article presents itself as a perspective of recognition and representativeness in places related to the social and cultural memory of a country's history from literary historiography. Given the importance of further exploring this theme, it became necessary to investigate the segment of memory in war or post-war, the Triple Alliance (1864-1870) and in territorial conflicts in the face of the separatist process and division of Mato Grosso in chronicle A Carretas march. Literature, Society and Cultural Memory focus on thematizing and problematizing memory and its forms of representation in society. It is believed that it is possible to promote, with the proposal presented, different ways of coping and to approach the visited space and reconstruct it, to rethink it by extracting elements of reality that were battle stages in the past to interact with the future, preserving symbols that support and they refer to the dimension of the social production of difference, or to the characteristics of human activity.

Keywords: Triple Alliance, Society and Cultural Memory, Historiography, Division of Mato Grosso.

1. Introdução

A necessidade de cada um lutar para prover-se a si mesmo e a de precatar-se para os dias incertos do amanhã exacerbaram no homem o sentido do egoísmo. A terra, mais que outro bem qualquer, aprofundado, dilata-o, exaspera-o (SERRA, 1989).

O presente artigo é fruto da pesquisa que propõe, com base em uma leitura historiográfica e de memórias sociais e históricas, uma temática que vem ganhando credibilidade e espaço de discussão no âmbito literário. Por meio de acesso às fontes registradas, sabendo que crônicas históricas são registros culturais e de memórias de uma sociedade, adentramos no universo das memórias históricas a partir do registro da crônica “A Marcha das Carretas” de Ulisses Serra presente na obra *Camalotes e Guavirais*, (1989), talvez da mesma forma que o autor e historiador que na ficção se apropria da noção de intriga para atribuir sentido aos fatos de alguma forma. A análise da crônica estabelece, sobretudo demonstrando:

[...] as relações de poder no aspecto da relação belicosa, do lado do modelo da guerra, do lado do esquema da luta, das lutas, que se poderá encontrar um princípio de inteligibilidade e de análise do poder político, do poder político decifrado, pois, em termos de guerra, de lutas, de enfrentamentos (FOUCAULT, 2005).

A epígrafe que abre este texto sugere a temática problemática proveniente do conceito Foucaultiano, a saber, poder, poder disciplinar e biopoder. Nesse sentido, pautamo-nos na noção de que:

[...] o conceito de poder cunhado por Foucault encontra-se além daquilo que as suas investigações históricas conferiram ao poder disciplinar e ao biopoder. Um núcleo

comum entre essas duas categorias e um outro conceito de poder, abstrato, inominado, existe, entretanto, e é o que permite identificá-lo (POGREBINSCHI, 2004, p.181).

Portanto, a História tem o poder de fazer ressurgir do “esquecimento” duas vertentes: a representação do sujeito em “grandes homens” e suas glórias em revoluções, mas também os resultados inglórios, as derrotas, o sofrimento, a deslealdade a quem o poder é sempre contraditório. Ora, se toda transformação social não é imutável para Foucault, evidencia-se a existência de formas de exercício do poder diferentes do Estado, a ele articuladas e indispensáveis à sua sustentação e atuação eficaz. E na medida em que o poder não está localizado exclusivamente no aparelho de Estado, diz Foucault, “nada mudará a sociedade se os mecanismos de poder que funcionam fora, abaixo e ao lado dos aparelhos de Estado a um nível muito mais elementar, cotidiano, não forem modificados” (FOUCAULT, 2005).

2. A concorrência imigratória do Sul: separatismo

É pertinente iniciar o debate acerca das memórias historiográficas com o final da guerra da Tríplice Aliança (1864-1870) [...] “quando muitas famílias dispersaram, morreram ou perderam as terras. O território ficou, então, mais atraente para novas levas de povoadores após 1870.” (Bittar, 2006). As migrações ocorreram de forma que as disputas por terras ocorressem devido a região de pecuária, uma das atividades dominantes em todo o estado do Mato Grosso. “Na década de 1970 existiam 15 milhões e cabeças de gado no sul de Mato Grosso enquanto no centro norte, de 2 a 5 milhões”. (Bittar, 2006). Porém, em 1840 as comitivas gaúchas foram mais humanas, composta por pessoas e sem rebanhos, conforme corrente mineira-paulista, já haviam se fixado em Ponta Porã, até então de jurisdição incerta, mais paraguaio do que brasileiro, pois Cuiabá não dava atenção ao sul do país. Além da expansão territorial brasileira ocorreu também o branqueamento da população que em 1945 era composta de indígenas e foram submetidos a violência da ocupação branca. Compreendemos aqui a memória cultural dolorosa de dominação dos descendentes que recontam histórias do processo das uniões onde as mulheres eram “pegas á laço” nas gerações atuais onde o território era quase inteiramente povoado pelos Terena, Kadiwéu e Kaiowá/Guarani. “Constatamos, assim, que o início do “processo civilizatório” em Mato Grosso se deu às custas do extermínio dos povos indígenas, pois estes se submetiam e morriam” (BITTAR, 2006). Segundo Foucault, “[...] com dominação, não quero dizer o fato maciço de "uma" dominação global de uns sobre os outros, ou de um grupo sobre o outro, mas as múltiplas formas de dominação que podem se exercer no interior

da sociedade [...]”. O encerramento da guerra é tido como um marco do crescimento populacional da região centro-oeste e o mapa das disputas é abrangente desde razões ligadas a navegação do rio Paraguai, onde o estopim foi o aprisionamento do navio Marques de Olinda e depois o vínculo de seu efeito como as disputas internas relacionadas a Companhia Mate Laranjeira, a Ferrovia Noroeste do Brasil, que também contribuiu pra o branqueamento da população da região agora sul-mato-grossense.

O discurso memorialístico de ambos expressa a narrativa da violência e arbitrariedades, domínio de famílias e concorrência imigratória. Centro-norte e centro-oeste agora em “estratégias políticas” lutavam pelo domínio na economia. Segundo Bittar, a estrada de ferro compreendida como “caminhos políticos” beneficiou durante muito tempo as fronteiras proporcionando a Corumbá a lideranças das atividades econômicas e acentuava possibilidade econômicas do centro-norte do estado, porém Campo Grande passou a ser a “capital comercial” dando início ao processo separatista entre a mesma e Cuiabá.

A sua preponderância assinalaria também a rivalidade que daí em diante também se estabeleceria entre Cuiabá e Campo Grande, que empalmou a causa separatista e se tornou aspirante à capital. Em parte isso ocorreu por causa da relativização dos caminhos da água comparados aos da terra, pois no caso de Campo Grande, até então, não passava de uma vila composta de duas ou três ruas, nas quais se resolviam, a tiros, as desavenças entre chefes políticos. Paulo (BITTAR, 2006 p. 57)

Em 1911 inaugurava-se o trecho da linha férrea em Campo Grande, linha ferroviária que deveria passar por Goiânia e Cuiabá. Excluída do projeto ferroviário Cuiabá passara por tempos incertos e duvidosos, com manifestações de ressentimento e decepção, dali por diante dar-se-ia o processo de desmembramento do território. “No final do século XIX, anteriormente a inauguração da ferrovia, portanto, já se pode notar um tom de discórdia nas relações norte-sul, notadamente de sulistas insatisfeitos com o governo estadual. Mas isso se aprofundou com a Noroeste do Brasil. (Bittar,2006)

Disputas territoriais, políticas, lutas, guerrilhas, revoluções, guerras sabemos que sempre ocorreram, ainda que, sob a ótica e narrativa de envolvidos são muitas vezes covardes e (des)necessárias para o desenvolvimento de uma sociedade, nação ou defesa, seja de um povo, propriedades e interesses coletivos. Como é certo e sabido, embates perpetuados por indivíduos detentores do poder são invisíveis a barreiras humanas, pois retrocessos locais para grupos selecionados são possibilidades, visionários com inúmeros interesses. De posse dessa informação, notadamente o trajeto imaginário do narrador de *Camalotes e Guavirais* (1989),

revela em suas crônicas fatos do passado, intrigas concorrentes em detrimento de privilegiados, alguns personagens que “impediram” a decadência da então dita “*vila caipira*”, atual Campo Grande,

[...] ‘vila caipira’, desde a sua fundação, parece ter exercido um certo encantamento aos que nela chegavam. Jornais, livros e documentos do passado revelam a ideia de progresso como aspecto sempre presente na trajetória do pequeno lugarejo de três ruas no início do século XX que se tornou a capital de um novo estado na sétima década desse mesmo século (BITTAR, 2009, p.195).

Dentro do conceito de Foucault, o poder é transitório, ou seja, “o poder transita pelos indivíduos, não se aplica a eles [...] o poder transita pelo indivíduo que ele constituiu” (FOUCAULT apud POGREBINSCHI, 2004, p.182). A sensibilidade do texto literário retorna no presente ato da leitura, são as memórias coletivas que tornam possível ao leitor uma vez mais rever o momento da História e suas histórias, repensar o debate, visitar os acontecimentos e o discurso do passado para se pensar principalmente o papel humanístico no presente com expectativas de mudanças futuras. Arrigucci (1987) “A crônica pode constituir o testemunho de uma vida, o documento de toda uma época ou um meio de se inscrever a História no texto.” Ainda segundo o autor, o cronista é um *narrador* da história, um narrador popular dos acontecimentos, narrativas que resgatam a experiência vivida pela memória que integram a tradição oral, em linguagem coloquial ou culta.

2.1. O poder e a dominação do sujeito em análise

No que tange a memória livro de crônicas de Ulisses Serra *Camalotes e Guavirais* (1989) a memória social e cultural presente carrega uma variação na linguagem que é extremamente significativa e reflete a sociedade apresentando muito da época em que foi publicada. Não se trata de uma interpretação, adaptação criativa ou recurso estilístico referente a veracidade da época em termos de verossimilhança. Observamos que o resultado não se altera em relação a várias ocorrências, que se altera são as perspectivas de futuro, pois o ambiente e suas relações deixaram marcas do passado, deixam ainda na inserção sociocultural uma realidade complexa que remete a objetividade e a subjetividade traumática da memória social local. Os grandes paradigmas começam a se tornar representação de fenômenos sociais. Alguns fenômenos ideológicos sofreram recortes e desapareceram da história não existindo composição no espaço das memórias registradas.

Para um leitor crítico, não encontrar representatividade ou importância simbólica de ideias e imagens

provenientes de uma época conturbada, fenômenos que relacionam e complementam as memórias históricas sociais individuais e coletivas causam uma impotência de formas difíceis de precisar. O autor serrano trata na crônica *A Marcha das Carretas* a migração para o sul do Mato Grosso, e reconta o desenvolvimento econômico da pecuária na região. Enquanto Paraguai e Brasil se desgastavam no sentido de definir suas fronteiras, os fazendeiros buscavam estabelecer suas relações comerciais e sociais. Observamos que o autor faz um paralelo referente as disputas de grandes latifundiários por terras devolutas. As partilhas de terras sempre ocorreram a partir de uma ótica irônica, no fragmento abaixo,

Pois, conta-nos um ironista, que Adão, ao sentir que se aproximavam as suas derradeiras horas, convocou Caim e Abel para a partilha do mundo. A cada um deu a metade. Para dirimir futuras controvérsias, entre os irmãos, definiu a posse, tomando por referência um rio que cantarolava suas águas pelo Éden. Um teria seu quinhão da margem direita pelo infinito afora; o outro, pela margem esquerda. Mal se fecharam as pálpebras do testador, puseram-se os legatários em dúvida e à porfia de quem seria o leito do rio, escuro, lodoso, estreito e submerso. Essa sim – e não a piedosamente narrada pela Bíblia, a causa do primeiro fratricídio sobre a terra [...] (SERRA, 1989, p.15).

O autor é saudosista e leva o leitor a considerar em áreas de fácil deslumbre cotidiano realista de sua obra sua narrativa que por inúmeras vezes carrega sons, cores e cheiros, mas também dores, ressentimentos manifestos e sentimento de inferioridade. Podemos observar esses aspectos no fragmento retirado do texto: [...] “um rio que cantarolava suas águas” [...]. A pluralidade de sentidos nos faz captar e resgatar por exemplo as rodas de conversas, a vizinhança barulhenta, as risadas largas, o clima em tempos chuvosos, o puro lamaçal e em tempos de seca a chuva de poeira fina e vermelha. Essa mesma pluralidade também produz as imagens que deveríamos declinar, mas que ficaram marcadas na História e impregnadas nas memórias, verbalizadas de forma sutil. Pensar a partir das crônicas serranas questões sociais da época como imigração e violência, por exemplo, torna representativo a sociedade atual na qual vivemos, pois o debate e a problemática é vigente e o assunto atual na política contemporânea. “Essa cobiça toda e essa gritante iniquidade num Estado de imensas terras devolutas, de raríssima densidade demográfica, que se queixa de vazio e pede correntes imigratórias. Só falta a lei, justa, equânime, para prevenir conflitos e estimular a fartura.” (Serra, 1989).

Podemos a partir da ótica do autor observar, por exemplo, o discurso e a expressão da linguagem em meio ao contexto imigratório de conflitos, disputas por terras, violência e morte. Há aqui uma impossibilidade humana no comportamento do sujeito que reside no sangue senão na alma: o combate. Lutar

não parece hipótese subestimada quando se deseja conquistar por bem ou mal. “Mas esse exclusivismo é atávico e acompanha o homem desde o Gênes e a omissão no primeiro testamento foi a causa do primeiro sangue borbulhando na terra”. (Serra, 1989)

De fato, a literatura dialoga com a realidade de tempos remotos sejam eles históricos, ideológicos ou estéticos. Há nisso um sentimento factual coletivo: a dor impregnada que permite reter um olhar profundo para os acontecimentos históricos do tempo em que se deu o evento. Muitos se destacam por se tratar de um caleidoscópio vivo que parece estar sempre em movimento por causa de sua diversidade de diálogos em tempos de conflitos e guerras iminentes na região centro – oeste, em contexto que permeia a divisão do estado e como se deu o processo separatista, dessa feita com estratégias de grupos que retinham em mãos o poder.

Ao contrário, a trajetória que Foucault quer fazer parte de baixo para cima. Essa é a genealogia foucaultiana: uma análise ascendente do poder, que parte de seus mecanismos moleculares, infinitesimais, até chegar àqueles gerais, globais. Não é de se surpreender que, na contramão da produção teórica contemporânea – como a de Habermas e Rawls, por exemplo –, Foucault não busca compreender o poder pela via das instituições estatais, mas sim através de pequenas técnicas, procedimentos, fenômenos e mecanismos que constituem efeitos específicos – e não gerais ou globais – de poder. (POGREBINSCHI. 2004, p. 183)

Corumbaense, o autor esteve no limite no sentido restrito da palavra, tanto da fronteira quanto dos acontecimentos. Partindo do princípio que cada momento histórico é uno, bem como suas consequências, sabemos que as obras literárias expressam uma sensibilidade ímpar frente à época, seja essa perspectiva crítica, religiosa, realista, romântica ou outra, e é impossível romantizar a guerra que sempre proporciona como resultados uma infinidade de eventos traumáticos na memória tanto dos vencedores quanto dos derrotados. Vejamos o fragmento da crônica:

Essa causa de egoísmo levou um jovem advogado a aforar uma reintegratória para dar posse plena, mansa e pacífica a um proprietário de extensa gleba que avançava léguas e léguas pelo sertão até as margens do caudaloso Paraguai. A ação foi vitoriosa na primeira instância e considerada deserta na superior, eis que os ingênuos posseiros não a prepararam. Já considerados intrusos, teimavam em não deixar as terras que juridicamente não lhes pertenciam. Como a intervenção se delongasse, para apoiar os meirinhos incumbidos da diligência, entendeu o jovem advogado ser do seu dever profissional instiga-la, coordená-la, dar-lhe imediatismo. Recrutou peões e jagunços. Numa tarde mormacenta de agosto, campos secos e nublados pela névoa das queimadas, calor ardente como se a terra estivesse em combustão, sol grande e vermelho das tardes estivais, surgiu, de súbito, a expedição punitiva. Peões e jagunços, somente um oficial de justiça e um policial para dar-lhe arremedos de juridicidade. (SERRA, 1989).

A problemática social instaurada a partir de fenômenos datados do século XX são fortes, traumatizantes e de fato não-verbalizadas conscientemente, estas necessitam ser repensadas a

fim de modificar decisões futuras. O quanto o poder e seu domínio transitório nas mãos de grupos políticos destruíram, subjugarão, dizimaram sem chance de defesa ainda mediante lei sem representação? Leis que para alguns grupos tem valor e para outros a mesma lei se tornou invisível? Para o filósofo Foucault, compreender o poder, lei e dominação é insensatez, pois é através de lutas e afrontamentos incessantes a forma de inverter e transformar o meio, a forma de tornar o elo mais fraco fortalecido. A situação presente é um exemplo e a memória política tem se confundido com a histórica e comportamentos sociais em determinados locais. Esse tipo de ocorrência nos dias atuais abrange elementos do passado e do presente relacionados à pátria, fatos, acontecimentos, monumentos patrimoniais e feitos políticos e históricos, para muitos de forma negativa. Sua dinâmica e movimento intencionais, a formulação desse conceito deixa clara como o Estado e a lei surgem apenas naquilo que Foucault chama de ‘forma terminal’ do poder. Seja esboço ou cristalização, o fato é que não se encontram onde o poder se encontra, onde ele se inicia e floresce, mas apenas onde ele cessa de ser poder. Ora, se o poder consiste em relações de força, *múltiplas e móveis, desiguais e instáveis*, é evidente que ele não pode emanar de um ponto central, mas sim de instâncias periféricas, localizadas. (POGREBINSCHI. 2004, p. 183).

A linguagem de dominação é latente no texto, são termos que estão interligados à outras temáticas sociais enquanto memória coletiva. A imigração dos colonizadores de regiões vizinhas, gaúchos, mineiros e paulistas transformam no sul do Mato Grosso a cultura social, o sotaque, a culinária. Região multicultural que também recebeu quantia relevantes de japoneses, portugueses, turcos, espanhóis entre outros nessa análise.

A liberdade de expressão torna a pesquisa científica que estuda memória e sociedade uma possibilidade de registrar pontos de vistas não ditos, não discutidos em torno da divisão do MT. Como o governo classista da época que, em linhas antagônicas sugerem a representação de grupos capitalistas da região sul, favorecendo entre outros a situação integrada regional, o quadro econômico-financeiro local, político, inserido em contexto nacional e internacional.

Qual é então a alternativa, se o que se quer é evitar uma análise econômica do poder? As respostas existentes – que também não são suficientes para Foucault – consistem em subsumir o poder à ideia de ação ou de força. É daqui que se originam as concepções repressivas do poder, ou melhor, as interpretações do poder como repressão. Se encarar o poder como ação o leva a ser compreendido sob o enfoque da repressão, encará-lo como força o faz ser analisado em termos de combate, de confronto, enfim, de guerra. (POGREBINSCHI. 2004, p. 184).

De 1871 a 1977 dá-se a consolidação da Divisão do MS. A política econômica o plano de fundo de inúmeras linhas de pensamento em relação ao processo de divisão do Mato Grosso, terreno onde encontramos suporte metodológico de linhas concorrentes e antagônicas. Observamos que alguns pontos na discussão do assunto se imbricam, se fundem, se cruzam ou se excluem. Ao que concerne aos estudos da literatura referentes á memória histórica da sociedade, compreendemos que esse é o espaço ideal para se pensar e repensar os acontecimentos do século XX na sociedade brasileira e pelo mundo, desde as grandes guerras (1º e 2º) bem como outras revoluções, em sua maioria, ocorrências traumáticas. Acerca desse assunto Bittar (2009) nos revela que “A campanha “*A Marcha para o Oeste*”, em termos de política adotada pelo estado autoritário, assentava-se em fundamentos teóricos da geopolítica, concepção que nasceu as vésperas da Primeira Guerra mundial”. Este conceito explica no Brasil a conquista de espaços fora de seu território, no caso A Guerra do Paraguai e Tríplice Aliança e questões acerca do projeto expansionista pelo mundo.

Um conjunto de fatores, mas, sobretudo a tentativa por parte do Império brasileiro de ter maior influência na região da Bacia Platina é que desencadeou a Guerra da Tríplice Aliança (1864-1870). O conflito foi deflagrado com a invasão das tropas imperiais no Uruguai e com o bloqueio imposto pela marinha brasileira ao porto de Montevideú, com a justificativa de socorrer produtores sul-riograndenses que se diziam perseguidos pelas autoridades daquele país. (CORREA, 2018, P. 34).

A verdade é que o registro dessas impressões e da expressão da linguagem do poder capitalista que dialoga com a realidade local e a sociedade envolvida permite ao pesquisador contestar poderes estabelecidos, um ato que impede a perpetuação e a silenciagem do mesmo. Percebemos através da narrativa da crônica *Marcha das carretas*, observar que o fenômeno das transformações urbanas está vinculado a um mundo de representações coletivas históricas e de memórias contemporâneas. A região centro-oeste foi e permanece sendo o objeto de um dinamismo de relações que se alteram ao ritmo de diferentes circunstâncias e tempo. Uma cultura que como as demais pelo mundo todo sofreu processo ativo, único e vivo para existir, possuir sua própria identidade.

Do passado aos dias atuais a divisão do MT, revelam perspectivas diferentes em torno do assunto. Para algumas pessoas os costumes, a cultura do verdadeiro fronteiriço permanece. O poder pode transformar temporariamente o sujeito e definitivamente os lugares, mas a cultura de um lugar permanece.

[...] tendo em vista que consiste na ideia de que o poder se exerce em uma espécie de rede na qual os indivíduos estão, a cada momento, seja em posição de exercer o poder,

seja em posição de serem submetidos a ele. Em outras palavras, o poder é algo que circula incessantemente sem se deter exclusivamente nas mãos de ninguém: potencialmente, todos são, ao mesmo tempo, detentores e destinatários do poder, seus sujeitos ativos e passivos – se é que podemos falar em sujeito aqui. (POGREBINSCHI. 2004, p. 182)

O discurso da dor, violência, ódio, do sofrimento em toda narrativa são características que denotam além do período em questão, também o caos urbano na sociedade. Se o meio fala de guerra, perseguição e morte, uma parcela da sociedade, uma parte da humanidade a interioriza e exterioriza-a, dando legitimidade, principalmente nos meios tecnológicos. Abaixo o autor critica a atitude dos detentores da lei que subjagam os menos favorecidos: “À frente dela, espumando de cólera, reintegrado no seu primarismo de homem da caverna, o advogado recém-saído dos bancos universitários. Era a fúria, besta e selvagem, desencadeada. Davam coronhadas e tiros a esmo; ululavam, bramiam, tinham sede de sangue e queriam dessedentar-se sob a proteção da lei.” (SERRA, 1989).

Quando as árvores pompeiam seus frutos e as searas seus grãos, no esplendor da fartura, são sonhos, anseios, suor e sacrifícios que se corporificaram. Criam-se concomitantemente, no rolar dos séculos, dramas apaixonantes e sangrentos. Eis por que, ainda no dealbar de Campo Grande, quando ainda se ouviam chiados das carretas pioneiras de José Antônio, João Honório Vieira de Almeida, aquele que seria no povoado médico, farmacêutico, mantenedor da ordem e mediador, já escrevia ao seu irmão Joaquim carta com este trecho “não achei fazenda que me satisfizesse, as melhores já estão tomadas. (SERRA, 1989, p. 115).

Após a Guerra do Paraguai em que os aliados venceram, o país enfrentou a maior tragédia, visto por muitos historiadores como genocídio. Muito sobre o assunto não foi revelado e esses recortes apagaram parte da história nos livros, não na memória coletiva da nação derrotada e muito pesquisadores tem se dedicado no desenrolar dos fatos. Para NUNES, (2011) “Cada documento se vale de uma rede de significados que contribuíram para sua elaboração, assim, possui uma intencionalidade, nenhum discurso é destituído de valor, são inscritos com base em um universo imagético que se fará presente em sua confecção e que serão interpretados pelo historiador”.

3. Conclusão

Quando se fala em conflitos de poder, guerras e dominação humana é inevitável não estabelecer relação de verossimilhança com a realidade e a veracidade de fatos passados que trazem à tona as emoções no discurso na literatura no presente. Não há nada de grandioso em memórias de guerra, violência, segregação e morte. Mas elas existem. Com o sistema de significado o sujeito armou-se e sua relação com o outro se alterou. A memória social histórica

e a identidade coletiva nessa perspectiva possibilitam através da historiografia adentrar no debate, repensar o passado locais do país, da região. É possível afirmar que a sensibilidade humana, foi rompida pelo homem na sociedade e pode ser reestruturado após eventos traumáticos nas relações cotidianas. Espera-se registrar aprendizados representativos sobre o passado para o futuro discutindo essa temática pouco explorada a fim de valorizar o presente, o sujeito e as diferenças.

Referências

ARRIGUCCI, D. *Enigma e comentário: ensaios sobre literatura e experiência*. São Paulo: Ed. Comp. das Letras, 1987.

BITTAR, M. Mato Grosso do Sul: a construção de um estado. Regionalismo e divisionismo no sul de Mato Grosso V. 1. Campo Grande, MS: *Ed UFMS*, 2009.

FOUCAULT, Michel. Em defesa da Sociedade. Ed. Martins Fontes, 2005.

POGREBINSCHI, Thamy. *Foucault, para além do poder disciplinar e do biopoder*. Lua Nova: Revista de Cultura e Política [online]. n.63, p.179-201. 2004. Disponível em: https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0102-64452004000300008&script=sci_abstract&tlng=pt. Acesso em: 6 out. 2020.

CORREA, D. M; MARIANI, M. A. P.; ESSELIN, P. M. A guerra da Tríplice Aliança como campo de possibilidade para o desenvolvimento da atividade turística em Corumbá-MS. *Cultur*, v. 12 n. 2, p.33-59, Jun/2018. Disponível em: <https://periodicos.uesc.br/index.php/cultur/article/view/1697>. Acesso em: 8 out. 2020.

NUNES, D. Pesquisa historiográfica desafios e caminhos. *Historiografia Pós-moderna*, Goiás v. 5 n. 1, p. 15 – 25, Junho 2011. Disponível em: <https://www.revistas.ufg.br/teoria/article/view/28959>. Acesso em 10 out. 2020.

SERRA, Ulisses. *Camalotes e Guavirais*. Campo Grande, MS: Academia Sul-Mato-Grossense de Letras, 1989.